

**CONHECIMENTO DOS INTERNOS DE MEDICINA SOBRE O TRANSTORNO DO
ESPECTRO AUTISTA (TEA)**

**MEDICINE INTERNS' KNOWLEDGE ABOUT AUTISTIC SPECTRUM DISORDER
(ASD)**

**CONOCIMIENTOS DE LOS PASANTES DE MEDICINA SOBRE EL TRASTORNO
DEL ESPECTRO AUTISTA (TEA)**

Millena Fontes Soares

millenafontes18@gmail.com

Graduação em Medicina - UERN

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Allyssandra Maria Lima Rodrigues Maia

allyssandarodrigues@uern.br

Mestre e Doutora em Ciência Animal – UFERSA

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Amanda Metsa da Silva

amandacardoso@alu.uern.br

Graduação em Medicina - UERN

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Aurea Christina de Lima Ferreira Prazeres

aureachristina@uern.br

Médica Especialista em Pediatria Geral e Neurologia Pediátrica

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Marcelino Maia Bessa

marcelino.maia.18@outlook.com

Mestre em Saúde e Sociedade – UERN

Universidade Estadual do Ceará – UECE

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição neurológica complexa que afeta o desenvolvimento social, comportamental e comunicativo dos indivíduos. O conhecimento dos internos de medicina sobre o TEA é fundamental para proporcionar um atendimento adequado a esses indivíduos. Diante disso, este estudo tem como objetivo avaliar o conhecimento de internos de medicina sobre o Transtorno do Espectro Autista. Trata-se de estudo quantitativo, descritivo, realizado com 39 internos do curso de Medicina. Os dados foram analisados e interpretados através da estatística descritiva simples. Os estudantes apresentam conhecimento sobre o transtorno, reconhecendo as principais características apresentadas por um sujeito com o TEA. Destaca-se, ainda, que a realização de leituras científicas acerca do tema e atividades curriculares durante a graduação foram as principais fontes de informação utilizadas pelos estudantes na aquisição de conhecimento sobre TEA. Foi constatado que o preparo ofertado pela universidade para estes estudantes assistirem os usuários com TEA é insuficiente, e estes internos informaram ainda, consideram que é de suma importância que haja uma preparação por parte da universidade. Além disso, a maioria dos estudantes apresentam inseguranças para assistirem uma pessoa com TEA. A maioria dos internos não tem opinião formada ou não tem interesse em trabalhar de forma especializada e direcionada às pessoas com TEA. Nesse sentido, faz-se oportuno abordar sobre TEA ainda na graduação em medicina, levando em consideração sua prevalência e complexidade, para que esses estudantes e futuros profissionais, tenham mais conhecimento e segurança para a prestação de um cuidado ético e baseado em evidências voltado às pessoas com TEA nos diversos âmbitos de atenção à saúde.

Palavras-chave: Conhecimento. Medicina. Estudantes de Medicina. Internato e Residência. Transtorno do Espectro Autista.

ABSTRACT

Autism Spectrum Disorder (ASD) is a complex neurological condition that affects the social, behavioral and communicative development of individuals. The knowledge of medical interns about ASD is essential to provide adequate care for these individuals. Therefore, this study aims to evaluate the knowledge of medical interns about Autism Spectrum Disorder. This is a quantitative, descriptive study, carried out with 39 medical students. The data were analyzed and interpreted using simple descriptive statistics. Students present knowledge about the disorder, recognizing the main characteristics presented by a subject with ASD. It is also noteworthy that carrying out scientific readings on the topic and curricular activities during graduation were the main sources of information used by students in acquiring knowledge about ASD. It was found that the preparation offered by the university for these students to assist users with ASD is insufficient, and these interns also reported that they consider that it is extremely

important that there is preparation on the part of the university. Furthermore, most students are insecure about assisting a person with ASD. The majority of interns do not have a strong opinion or are not interested in working in a specialized way aimed at people with ASD. In this sense, it is appropriate to address ASD during medical graduation, taking into account its prevalence and complexity, so that these students and future professionals have more knowledge and security to provide ethical care based on evidence aimed at people with ASD in different areas of health care.

Keywords: Knowledge. Medicine. Medical students. Boarding School and Residence. Autism Spectrum Disorder.

RESUMEN

El Trastorno del Espectro Autista (TEA) es una condición neurológica compleja que afecta el desarrollo social, conductual y comunicativo de los individuos. El conocimiento de los médicos internos sobre el TEA es esencial para brindar una atención adecuada a estas personas. Por lo tanto, este estudio tiene como objetivo evaluar el conocimiento de los médicos internos sobre el Trastorno del Espectro Autista. Se trata de un estudio cuantitativo, descriptivo, realizado con 39 estudiantes de medicina. Los datos fueron analizados e interpretados mediante estadística descriptiva simple. Los estudiantes presentan conocimientos sobre el trastorno, reconociendo las principales características que presenta un sujeto con TEA. También se destaca que la realización de lecturas científicas sobre el tema y las actividades curriculares durante la graduación fueron las principales fuentes de información utilizadas por los estudiantes en la adquisición de conocimientos sobre el TEA. Se encontró que la preparación que ofrece la universidad a estos estudiantes para atender a usuarios con TEA es insuficiente, además estos pasantes informaron que consideran que es sumamente importante que exista preparación por parte de la universidad. Además, la mayoría de los estudiantes se sienten inseguros a la hora de ayudar a una persona con TEA. La mayoría de los pasantes no tienen una opinión firme o no están interesados en trabajar de forma especializada dirigida a personas con TEA. En este sentido, resulta apropiado abordar el TEA durante la carrera de medicina, teniendo en cuenta su prevalencia y complejidad, para que estos estudiantes y futuros profesionales tengan mayor conocimiento y seguridad para brindar una atención ética basada en evidencia dirigida a personas con TEA en diferentes áreas de la salud. cuidado de la salud.

Palabras-clave: Conocimiento. Medicamento. Estudiantes de medicina. Internado y Residencia. Desorden del espectro autista.

INTRODUÇÃO

Em 1943, o psicólogo infantil americano Leo Kanner – ao estudar detalhadamente o comportamento de 11 crianças que apresentavam padrões considerados incomuns – fez uma contribuição pioneira para a compreensão do que mais tarde seria conhecido como "transtorno do autismo". Sua pesquisa e as descrições iniciais abriram caminho para o estudo clínico do autismo, influenciando o desenvolvimento de diagnósticos e intervenções subsequentes (Luleci et al., 2016).

A partir de 2013, com a publicação da quinta edição do *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (DSM-5) e sua versão revisada em 2022 (DSM-5-TR), o quadro clínico do Transtorno do Espectro Autista (TEA) consolidou características como padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades, além de déficits na comunicação e nos relacionamentos interpessoais. Essas revisões também incluíram o agrupamento de condições previamente classificadas de forma separada, como a Síndrome de Asperger, o Transtorno Desintegrativo da Infância e os Transtornos Globais do Desenvolvimento sem Outra Especificação, todas com atributos centrais em comum (Paula; Belisário Filho; Teixeira, 2016; Ribeiro; Marteleto, 2023).

Com uma prevalência de 0,6% a 1% da população em países desenvolvidos, é inquestionável a importância do conhecimento específico sobre esse transtorno, tanto para sua identificação quanto para sua assistência (Paula; Belisário Filho; Teixeira, 2016). O tratamento e o acompanhamento do TEA não são realizados por meio de terapia farmacológica, dada a sua complexa etiologia. No entanto, a inserção precoce da criança em equipes de reabilitação interdisciplinar é extremamente benéfica na redução de comportamentos e déficits que prejudicam seu desenvolvimento (Almeida et al., 2018).

Nos países em desenvolvimento, as pesquisas e os estudos se concentram principalmente em doenças infecciosas e não transmissíveis relacionadas ao estresse. Dessa forma, os transtornos do neurodesenvolvimento – como o TEA – são frequentemente ignorados, apesar de sua crescente prevalência. Assim, muitos

estudantes de medicina apresentam dificuldades em identificar corretamente as características diagnósticas do autismo (Ellias; Shah, 2019).

Além do manejo específico quanto ao diagnóstico e o seguimento de pacientes com TEA, os futuros médicos devem estar preparados para atender às necessidades de saúde dessas pessoas que vão além do espectro. Devido a limitações na comunicação verbal, interação social prejudicada, comportamentos repetitivos, agressividade e sensibilidades sensoriais, o tratamento de condições de saúde em pessoas autistas pode se tornar desafiador (Austriaco et al., 2019). Nesse contexto, Haverkamp et al. (2016) destacam a necessidade de prover treinamento sobre autismo aos estudantes de medicina, a fim de melhorar a qualidade do atendimento a esses pacientes, por meio de conhecimentos e experiências adquiridas já na graduação.

Diante disso, torna-se relevante a realização de pesquisas que avaliem o conhecimento dos estudantes de medicina sobre o TEA durante a graduação. Essas pesquisas podem promover discussões sobre a construção do conhecimento acerca desse tema na formação acadêmica, identificar possíveis lacunas no currículo, contribuir para o aprimoramento da prática clínica e melhorar a qualidade do atendimento. Além disso, ao compreenderem profundamente o TEA, esses futuros médicos e pesquisadores poderão contribuir para avanços na pesquisa e para o desenvolvimento de políticas públicas mais inclusivas e eficazes para pessoas com esse transtorno. Desse modo, este estudo tem como objetivo avaliar o conhecimento de internos de medicina sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de um estudo quantitativo e descritivo, realizado com 39 internos do curso de Medicina da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). A Faculdade de Ciências da Saúde (FACS), unidade acadêmica da UERN que abriga o curso de Medicina, foi escolhida por sediar o curso desde 2000, desempenhando um papel importante na transformação do cenário da saúde em Mossoró/RN e região. Os

egressos da faculdade, atuando na comunidade, têm contribuído para a oferta de um atendimento de saúde de maior qualidade, destacando a relevante influência da UERN na promoção do direito à saúde.

Os critérios de inclusão foram: idade superior a 18 anos, estar devidamente matriculado no curso de Medicina e cursar entre o 9º e 12º períodos, além de concordar em participar do estudo. Foram excluídos os estudantes que estavam afastados e/ou em licença prolongada durante a coleta de dados, aqueles com o curso trancado ou que deixaram uma ou mais questões do questionário em branco.

Os dados foram coletados por meio de um questionário estruturado, elaborado pelos autores com base na literatura. Esse questionário foi aplicado de forma remota, via plataforma *Google Forms*, contendo nove questões objetivas de múltipla escolha. As perguntas abordavam temas como: entendimento sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA), principais características do transtorno, etiologia, construção de conhecimentos sobre o TEA, autopercepção dos internos quanto ao preparo para atender pacientes com TEA e o nível de interesse em trabalhar com esse público.

A análise dos dados foi realizada por estatística descritiva simples, sendo os resultados apresentados em frequência e porcentagem, com o auxílio do editor de planilhas Microsoft Excel. Os dados foram tabulados no programa Microsoft Excel 2010 e organizados da seguinte maneira: transcrição dos dados na planilha, agrupamento das respostas, ordenação por tópicos e elaboração de tabelas para melhor apresentação dos resultados. Em seguida, os achados foram interpretados e discutidos à luz da literatura relevante.

Por envolver a participação de seres humanos, o estudo seguiu os critérios da Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), garantindo os direitos e a dignidade dos participantes. A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UERN, sob o parecer nº 4.583.303, CAAE 43749121.1.0000.5294.

RESULTADOS

Diante dos achados da pesquisa, evidenciou-se que 92,3% (n=36) dos estudantes, definem o TEA como um transtorno do neurodesenvolvimento associado a dificuldade de interação social e comportamentos e interesses restritos e repetitivos ou estereotipados. Além disso, 5,1% (n=2) dos internos o definiu como uma doença do neurodesenvolvimento associada a atraso na fala, interesses restritos e comportamentos repetitivos, e 2,6% (n=1) definiu como uma deficiência intelectual associada a alterações comportamentais e atraso na fala.

No que se refere às características apresentadas pela pessoa com TEA, quando questionados, apresentou-se uma unanimidade (n=39) nas respostas dada pelos estudantes, em relação assunto. Neste caso, a alternativa escolhida trazia como características preponderantes a dificuldade de interação social, atraso na fala (mas esse não é obrigatório estar presente em todos os casos) e comportamento repetitivo (estereotipado).

Em relação ao conhecimento dos internos sobre a cura par o TEA, a maioria 94,8% (n=37), afirmaram que o transtorno não tem cura. Para além disso, os estudantes ainda afirmaram 97,4% (n=38) que a etiologia da doença não é totalmente esclarecida.

Tomando ciência da importância de identificar as fontes de informação acerca do autismo usadas pelos estudantes como para construção do conhecimento sobre o assunto, os achados desta pesquisa evidenciaram que os internos tiveram como principal fonte de informação a realização de leituras científicas acerca do tema 30,7% (n= 12). Outros 23% (n= 09) internos responderam que a principal fonte para a aquisição de informações sobre o TEA foi por meio atividades curriculares durante a graduação.

Nesse contexto de fontes de informação sobre o transtorno, 7,6% (n=03) estudantes informaram ter adquirido conhecimentos por meio de atividades extracurriculares durante a graduação, 5,1% (n=2) por meio de séries/filmes/novelas, 2,5% (n=1) na convivência com pessoas com autismo. Além disso, outra grande parte

– 30,7% (n=12) – relataram que os conhecimentos construídos foram oriundos de todas essas fontes de informação citadas anteriormente.

Um dado alarmante desta pesquisa está no questionamento sobre a autopercepção dos internos de medicina sobre o preparo ofertado pela universidade para estes estudantes assistirem os usuários com TEA. Os achados evidenciaram uma visível negativa no que concerne a essa preparação, visto que 92,3 (n=37) responderam “Não”, ao serem questionados se a Universidade os preparava. Nesse alinhamento, 100% (n=39) dos internos responderam – na questão seguinte – que é de suma importância que a universidade prepare os estudantes para que estes possam prestar uma assistência de qualidade às pessoas com TEA.

Em relação ao seu nível de segurança sobre a abordagem do TEA ao ingressar nos campos de estágio de acordo com os conhecimentos adquiridos durante a graduação entre alunos internos do curso de Medicina, 74,3% (n=29) afirmaram não se sentirem tão seguros, pois os conhecimentos adquiridos durante a graduação não foram suficientes para obter domínio sobre o tema, necessitando de ajuda.

Não obstante, 18% (n= 7), sentem-se totalmente inseguros, pois não adquiram conhecimentos suficientes durante a graduação para obter domínio sobre o tema, necessitando de total ajuda. Diferentemente, apenas 7,7% (n=3) se sentem muito seguros, pois os conhecimentos adquiridos durante a graduação foram suficientes para que obtivessem domínio sobre o tema, com condições para prestar atendimento inicial, reconhecer os sinais precocemente e fazer as orientações e encaminhamentos.

Por fim, ao serem questionados sobre o interesse ao trabalhar de forma especializada e direcionada as pessoas com autismo, a maioria dos internos 66,6% (n=26), responderam que não têm opinião formada ainda, enquanto 18% (n=7) afirmaram que não têm interesse; apenas 14,4 (n=6) afirmaram que tinham interesse em trabalhar de forma especializada e direcionada às pessoas com TEA.

DISCUSSÃO

O diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA) no século XXI passou por significativas evoluções em sua compreensão e categorização nosológica. Essas mudanças refletem um avanço importante na valorização da diversidade e da complexidade do autismo, contribuindo para um atendimento mais ético e humano para os indivíduos no espectro e suas famílias. Essa evolução tem implicações diretas na prática médica, especialmente na formação de futuros profissionais de saúde (Fernandes; Tomazelli; Girianelli, 2020; Steyer; Lamoglia; Bosa, 2018).

Internos de medicina – especialmente – precisam estar mais bem preparados para reconhecer a diversidade das manifestações do TEA, uma vez que a identificação precoce e as intervenções personalizadas têm um impacto crescente na qualidade de vida dos pacientes. Essa preparação inclui um conhecimento abrangente dos critérios diagnósticos, das variações nos comportamentos e na comunicação, além da capacidade de desenvolver planos de cuidado que atendam às necessidades individuais dos pacientes, garantindo um atendimento mais eficaz e humanizado. (Griesi-Oliveira; Sertié, 2020; Taveira et al., 2023).

O conhecimento acerca dos sinais e sintomas do TEA é fundamental para profissionais de saúde, especialmente para internos de medicina, pois permite uma identificação precoce e um diagnóstico mais preciso. Os sinais do TEA podem variar amplamente entre os indivíduos, mas geralmente incluem dificuldades na comunicação verbal e não verbal, padrões de comportamento repetitivos e uma interação social comprometida. Além disso, muitos indivíduos com autismo podem apresentar interesses intensos e restritos, bem como hipersensibilidade ou hipossensibilidade a estímulos sensoriais. Compreender esses sinais e sintomas é crucial, pois a detecção precoce pode levar a intervenções mais eficazes que melhoram a qualidade de vida dos pacientes e suas famílias, promovendo uma abordagem mais adequada e personalizada no atendimento médico (Almeida; Neves, 2020; Almeida et al., 2020).

Em um estudo conduzido por Almondes; Ferreira (2019) que analisou o conhecimento dos acadêmicos de medicina sobre o TEA em Teresina-PI, observou-

se que os alunos do sexto ano apresentaram um entendimento variado dos critérios diagnósticos do TEA, especialmente em relação aos padrões de comportamento e comunicação social comprometida, mostraram uma porcentagem de acerto de 73,13%. Apesar do número de acertos favoráveis, faz-se necessária a difusão de conhecimentos acerca dos traços clínicos no autismo.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), a prevalência do Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem aumentado globalmente, conforme evidenciado por estudos epidemiológicos realizados nos últimos 50 anos. A conscientização sobre o tema, a expansão dos critérios diagnósticos, o desenvolvimento de melhores ferramentas de diagnóstico e a melhoria na disseminação das informações podem estar intimamente relacionados com esse fenômeno (APA, 2014).

De acordo com o DSM-V, as características centrais do autismo são agrupadas em duas grandes dimensões: a comunicação social e os comportamentos. Nesse contexto, observa-se um espectro heterogêneo de características clínicas, como déficits na conversação, redução no compartilhamento de interesses, emoções e afetos, e inflexibilidade cognitiva (Schmidt, 2017). Portanto, categorizar uma pessoa autista como "aquela que faz isso ou aquilo, de tal ou qual maneira" não é apropriado. Em outras palavras, o TEA engloba um vasto espectro com combinações únicas de dificuldades nas áreas de comunicação e interação social, não se limitando a um único tipo de manifestação específica (Melo *et al.*, 2013).

Ao destacar a não obrigatoriedade do atraso na fala, a escolha feita pelos internos enfatiza a ampla variedade de apresentações clínicas no Transtorno do Espectro Autista (TEA), especialmente relacionadas à dimensão da comunicação social. Enquanto uma criança pode apresentar sérias dificuldades na área sociocomunicativa – como a ausência de linguagem –, outra criança com o mesmo diagnóstico pode ter uma linguagem verbal desenvolvida, facilitando a comunicação (Schmidt, 2017).

Por meio deste enfoque, é possível considerar o papel crucial do reconhecimento dos sintomas manifestados por pacientes com autismo na suspeição diagnóstica. As intervenções realizadas após identificar os primeiros sinais de TEA são fundamentais para o desenvolvimento e para prevenir atrasos. Portanto, é essencial que todos os médicos possuam conhecimento acadêmico prévio sobre as características clínicas do TEA, garantindo encaminhamentos oportunos a especialistas e a serviços de intervenção precoce (Rizzolo *et al.*, 2020).

Com o avanço dos estudos e atualizações, hoje se compreende que, devido à sua complexidade e à impossibilidade de definição precisa, o autismo é um transtorno que não possui cura (Onzi; Gomes, 2015). No entanto, já estão sendo destacadas abordagens no desenvolvimento que contribuem para melhorar os relacionamentos sociais, a comunicação e as habilidades de autocuidado (Klin, 2006).

Apesar da falta de uma cura definitiva, a disseminação de práticas terapêuticas multidisciplinares contribui significativamente para o desenvolvimento neuropsicomotor de indivíduos com autismo, resultando em melhorias substanciais em sua qualidade de vida e integração social. Nesse sentido, reforça-se a importância de dos futuros médicos estarem familiarizados com as perspectivas prognósticas de cada pessoa com TEA, pois alguns tratamentos podem ser mais eficazes para determinados indivíduos do que para outros, considerando que cada pessoa com autismo apresenta um nível de desenvolvimento único (Nascimento; Bitencourt; Fleig, 2021).

Para além disso, é crucial que informações sobre a etiologia de uma doença sejam conhecidas por qualquer médico generalista, para que possam orientar e informar adequadamente o paciente e seus familiares sobre a condição. No estudo conduzido por Almondes e Ferreira (2019), observou-se que estudantes do último ano de Medicina demonstraram baixa familiaridade com a questão que tratava da origem genética do Transtorno do Espectro Autista (TEA). Esse dado evidencia que o conhecimento etiológico sobre o TEA permanece limitado entre os alunos que estão prestes a concluir sua formação acadêmica.

É essencial esclarecer que, devido às suas diversas formas de apresentação, não é possível determinar uma única origem para o TEA. Por isso, é crucial que o profissional médico adquira conhecimento sobre os possíveis fatores que podem estar relacionados com o surgimento do autismo. Isso se mostra imprescindível no contexto de diagnóstico e manejo adequado dessa condição. De acordo com Haverkamp *et al.* (2016) o conhecimento dos profissionais de saúde sobre o TEA e outras deficiências do neurodesenvolvimento ainda é pouco discutido no meio científico e, menor é a discussão de como tal conhecimento é ensinado.

O conhecimento e embasamento teórico é imprescindível para a prática médica. No entanto, a graduação não consegue abordar de forma mais aprofundada todos os aspectos do TEA em tempo hábil (Rizzolo *et al.*, 2020). Tal colocação é vista de forma prática nos achados desta pesquisa, em que as atividades realizadas durante a graduação não são a grande fonte de informação sobre o autismo. Isso pode ser prejudicial para a prática médica durante o estágio ou mesmo na vida profissional.

Os achados desta pesquisa são semelhantes aos de outros estudos envolvendo diferentes categorias profissionais. Em um estudo realizado por Ferreira e Franzoi (2019), que analisou o conhecimento de estudantes de enfermagem sobre o autismo, destacou-se que as mídias e os meios de comunicação foram a principal fonte de informação utilizada pelos participantes para adquirir conhecimento sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Isso evidencia o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) como importantes aliadas e ferramentas de ensino nesse contexto.

Um dos aspectos que devem ser enfatizados é a autopercepção dos estudantes sobre preparo para o atendimento do usuário com TEA. Em sua maioria, os participantes do estudo relataram não sentirem que houve uma preparação durante a graduação para o cuidado à pessoa com TEA. Porém a literatura tem demonstrado que esse não é um problema somente da medicina, mas também em outras áreas do conhecimento como Enfermagem, Psicologia e Educação Física. Tal realidade aponta

para o questionamento se os cursos de graduação – em geral – tratam o TEA como uma temática relevante a ser abordada ainda no contexto de formação dos profissionais de saúde (Taveira et al., 2023; Paula; Belisário Filho; Teixeira, 2016; Penido et al., 2016).

Na pesquisa realizada por Paula, Belisário Filho e Teixeira (2016) com estudantes de Psicologia, 62,4% dos participantes consideraram o conhecimento sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) adquirido durante a graduação como insuficiente. De forma semelhante, em um estudo com estudantes de Educação Física, 62,5% dos participantes desconheciam o termo TEA, e 79,4% afirmaram não ter tido nenhum conteúdo relacionado ao TEA na graduação (Penido et al., 2016). Já no estudo sobre o conhecimento de estudantes de Enfermagem a respeito do TEA, os achados indicaram um conhecimento razoável sobre o tema, embora tenham sido identificadas fragilidades importantes, especialmente no que se refere aos sintomas e tratamentos relacionados ao transtorno (Ferreira; Franzoi 2019).

De acordo com um estudo realizado por Bakare *et al.* (2019), foi observada diferença no desempenho no atendimento a pessoas com autismo entre estudantes que tinham conhecimento prévio sobre o TEA e aqueles que não tinham tanto conhecimento. O estudo destacou que o conhecimento prévio e a oportunidade de prática têm uma influência significativa na eficácia da preparação dos estudantes de medicina para lidar com indivíduos com TEA. Em resumo, ensinar sobre o TEA durante a graduação é crucial para a capacitação adequada desses futuros profissionais no atendimento a esse público.

Enfatiza-se que todos os participantes do estudo reconhecem a importância do curso de medicina em preparar bem os seus alunos para o entendimento sobre o TEA, visando o atendimento qualificado a esse público. Nesse contexto, é importante ressaltar que o domínio sobre o assunto é imprescindível para que o profissional médico possa ter segurança em suas atitudes e, assim, haja boa orientação e suporte à toda família (Campos *et al.*, 2021).

Analogamente, em estudo realizado por Rizzolo *et al.* (2020) foi demonstrado que os alunos encontravam uma grande dificuldade em associar os conhecimentos prévios com a prática médica, destacando certa insegurança em fazê-lo. Foi destacado ainda, que a necessidade de demonstrar conhecimentos durante os estágios destoava da quantidade de informações que recebiam durante a graduação. Com isso, a associação da teoria com a prática clínica, além de abordagem teórico-práticas durante a graduação acerca do autismo, é crucial para que o preparo dos futuros profissionais de saúde seja efetivado e o atendimento a esse público seja otimizado.

Apesar de reconhecerem a importância do conhecimento sobre o autismo, os alunos internos de Medicina participantes da pesquisa relataram um baixo nível de interesse no tema. Essa falta de engajamento pode impactar diretamente a busca por informações e o aprimoramento do conhecimento durante a graduação, prejudicando seu desempenho tanto nos campos de estágio quanto na vida profissional. Além disso, observa-se uma contradição entre a relevância de se estudar o autismo e a real busca por tal conhecimento. Essa conclusão é corroborada por Ferreira e Franzoi (2019), que apontaram que, embora 98,46% dos participantes expressassem interesse em aprender mais sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA), apenas 7,69% tinham participado de cursos ou palestras sobre o assunto. Ademais, ao considerar o contexto brasileiro, é importante destacar que o Sistema Único de Saúde (SUS), por meio da atenção primária, é o primeiro recurso que as famílias de crianças com autismo geralmente buscam.

A atenção primária é a principal área de atuação dos médicos recém-formados, sendo o primeiro ponto de contato com a equipe de saúde e com a comunidade (Nogueira *et al.*, 2022). Nesse contexto, os médicos desempenham um papel crucial na identificação precoce de transtornos, incluindo o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Portanto, independentemente de suas intenções futuras de se especializar em áreas específicas da saúde, é fundamental que esses profissionais sejam

adequadamente capacitados para lidar com a diversidade de casos que podem encontrar em sua prática diária.

A formação sólida em temas relacionados ao TEA não só enriquece o conhecimento clínico dos médicos, mas também promove uma abordagem mais integrada e humanizada no cuidado aos pacientes e suas famílias. Assim, é imprescindível que os recém-formados desenvolvam competências que lhes permitam atuar com confiança e empatia, garantindo que as necessidades dos indivíduos com autismo sejam compreendidas e atendidas de forma eficaz dentro do sistema de saúde (Taveira et al., 2023).

Nesse contexto, seminários integradores são sugeridos como melhorias, permitindo que os alunos – desde os primeiros períodos da faculdade – tenham contato com o assunto nas abordagens morfofuncionais do sistema nervoso e nas aulas de genética, instigando a curiosidade para um aprofundamento maior. Posteriormente, no ciclo clínico, as disciplinas de psiquiatria e pediatria devem enfatizar a abordagem voltada para o diagnóstico clínico, preparando os futuros internos para consolidar o conhecimento adquirido durante a graduação e aplicá-lo na prática. Além disso, considera-se o uso do role-play ativo; em especial, uma estratégia eficaz de ensino e aprendizagem que incentiva a tomada de decisão, a resolução de problemas, o pensamento crítico, a autorreflexão e a gestão de tempo.

Este estudo traz contribuições na medida em que avalia o conhecimento dos internos de medicina sobre o Transtorno do Espectro Autista, possibilitando o diagnóstico e possível direcionamento para o desenvolvimento de ações para a melhoria do processo ensino/aprendizagem sobre esta temática, além de incentivar a realização de estudos nessa área, considerando potencialidades e fragilidades identificadas no conhecimento da amostra estudada.

Como limitações do estudo, apresenta-se: ter sido realizado em apenas uma Instituição de Ensino Superior; ser baseado em uma amostra de tamanho reduzido; ter utilizado um questionário de coleta de dados desenvolvido pela própria equipe de

pesquisa, uma vez que ainda se carece de instrumentos de pesquisa para avaliar o conhecimento sobre TEA.

CONCLUSÕES

O objetivo do estudo foi alcançado ao avaliar o conhecimento dos internos de Medicina sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Os estudantes demonstraram familiaridade com o transtorno, reconhecendo as principais características associadas a indivíduos com TEA. Além disso, destacou-se que as leituras científicas e as atividades curriculares realizadas ao longo da graduação foram as principais fontes de informação utilizadas pelos estudantes para adquirir conhecimento sobre o TEA.

Constatou-se que o preparo oferecido pela universidade para atender pacientes com TEA é considerado insuficiente pelos internos. Eles também ressaltaram a importância de uma preparação mais robusta por parte da universidade nesse sentido. A maioria dos estudantes relatou insegurança quanto à assistência a pessoas com TEA. Ademais, muitos internos não têm opinião formada ou demonstram pouco interesse em atuar de maneira especializada no atendimento a indivíduos com o transtorno.

Este estudo revela possíveis lacunas na matriz curricular do curso de Medicina em relação à construção do conhecimento sobre o Transtorno do Espectro Autista. Considerando a prevalência e a complexidade do TEA, é fundamental que o tema seja abordado ainda durante a graduação, para que esses futuros profissionais desenvolvam mais conhecimento e segurança na prestação de um cuidado ético e baseado em evidências, voltado às pessoas com TEA nos diversos níveis de atenção à saúde.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. S. et al. Avaliação de aspectos emocionais e comportamentais de crianças com Transtorno do Espectro Autista. **Aletheia**. v.54, n.1, p.85-95. 2021. Available from: <https://doi.org/DOI10.29327/226091.54.1-9>

ALMEIDA, M. L; NEVES, A. S. A Popularização Diagnóstica do Autismo: uma Falsa Epidemia?. **Psicol cienc prof.** 40:e180896. 2020. Available from: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003180896>

ALMEIDA, S. S. A et al. Transtorno do espectro autista. **Residência Pediátrica.** 8(1): 72-78. 2018. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/residenciapediatrica.com.br/pdf/v8s1a12.pdf>

ALMONDES, MC; FERREIRA, MR. **Análise do Conhecimento dos acadêmicos de medicina sobre o transtorno do espectro autista em Teresina-PI.** 2019. 23 f. TCC (Graduação) – Curso de Medicina, Centro Universitário de Saúde, Ciências Humanas e Tecnológicas do Piauí, Teresina, 2019.

APA. American Psychiatric Association. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-V.** 5 Ed. Porto Alegre: Artmed. 2014.

AUSTRIACO, K et al. Contemporary Trainee Knowledge of Autism: how prepared are our future providers?. **Frontiers In Pediatrics.** 7(1):1-8. 2019. Available from: <http://dx.doi.org/10.3389/fped.2019.00165>.

BAKARE, M. O. et al. Recognition of Autism Spectrum Disorder (ASD) symptoms and autism among medical students in Mumbai. **Annals Of Indian Academy Of Neurology,** [S.L.], v. 22, n. 2, p. 164-169, jul. 2019. Available from: <https://doi.org/10.1186/s13104-015-1433-0>

BRASIL. Ministério da Saúde. **Resolução nº466, de 12 de dezembro de 2012.** Trata das diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília, 2012.

CAMPOS, TF et al. Análise da importância da qualificação dos profissionais de saúde para o manejo do Transtorno de Espectro Autista (TEA). **Research, Society And Development.** 10(6):1-8. 2021. Available from: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i6.15667>.

GRIESI-OLIVEIRA, K; SERTIÉ, A. L. Autism spectrum disorders: an updated guide for genetic counseling. *Einstein (São Paulo)*, 15(2), 233–238. 2017. Available from: <https://doi.org/10.1590/S1679-45082017RB4020>

HAVERCAMP, SM. et al. Preparing Tomorrow's Doctors to Care for Patients With Autism Spectrum Disorder. **Intellectual And Developmental Disabilities**. 54(3): 202-216. 2016. Available from: <http://dx.doi.org/10.1352/1934-9556-54.3.202>.

http://dx.doi.org/10.4103/aian.aian_486_17.

KLIN, A. Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral. *Revista Brasileira de Psiquiatria*. 28(1):3-11. 2006. Available from: <http://dx.doi.org/10.1590/s1516-44462006000500002>.

LULECI, NE et al. A study exploring the autism awareness of first grade nursing and medical students in Istanbul, Turkey. **Journal Of Pakistan Medical Association**. [S.L], p. 916-921. 2016. Disponível em: <https://jpma.org.pk/PdfDownload/7849>.

NASCIMENTO, I. B; BITENCOURT, C. R; FLEIG, R. Estratégias para o transtorno do espectro autista: interação social e intervenções terapêuticas. **J bras psiquiatr**. 70(2):179–87. 2021. Available from: <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000326>

NOGUEIRA, MLM et al. Transtorno do Espectro do Autismo em Minas Gerais: panorama da formação médica. **Revista Educação Especial**. 35(1):1-21. 2022. Available from: <http://dx.doi.org/10.5902/1984686x65388>

ONZI, FZ; GOMES, RF. Transtorno do espectro autista: a importância do diagnóstico e reabilitação. *Caderno Pedagógico*. 12(3):188-199. 2015. Available from: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/1293>

PAULA, CS; BELISÁSIO FILHO, JF; TEIXEIRA, MCTV. Estudantes de psicologia concluem a graduação com uma boa formação em autismo? **Revista Psicologia: Teoria e Prática**. 17(3):206-221. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v18n1/16.pdf>.

PENIDO, LA et al. Conhecimento de graduados e graduandos em Educação Física sobre o Autismo. **Revista da SOBAMA**. 17(2), 37-42. 2016. Available from: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/sobama/article/view/6829/4441>

RIZZOLO, D et al. Physician Assistant Students' Competency to Identify and Diagnose Autism Spectrum Disorder. **Journal Of Physician Assistant Education**. 31(2):71-76, jun. 2020. Available from: <http://dx.doi.org/10.1097/jpa.0000000000000305>.

STEYER, S; LAMOGLIA, A; BOSA, C. A. A Importância da Avaliação de Programas de Capacitação para Identificação dos Sinais Precoces do Transtorno do Espectro Autista – TEA. **Trends Psychol.** 26(3):1395–410. 2018. Available from: <https://doi.org/10.9788/TP2018.3-10Pt>

TAVEIRA, M. et al. Transtornos do espectro autista: visão de discentes dos cursos de medicina e enfermagem de uma universidade pública. **Ciência & Saúde Coletiva.** 28(6), 1853–1862. 2023. Available from: <https://doi.org/10.1590/1413-81232023286.15292022>

ZANOLLA, TA et al. Causas genéticas, epigenéticas e ambientais do Transtorno do Espectro Autista. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento.** 15(2), 29-42. 2015. Available from: https://www.mackenzie.br/fileadmin/ARQUIVOS/Public/6-pos-graduacao/upm-higienopolis/mestrado-doutorado/disturbios_desenvolvimento/2015/cadernos/2/CAUSAS_GENE_TICAS_EPIGENE_TICAS_E_AMBIENTAIS_DO_TRANSTORNO_DO_ESPECTRO_AUTISTA_.pdf